

Vidas insignificantes: uma leitura comparativa de sujeitos à margem em “Without Inspection”, de Edwidge Danticat, e “Construção”, de Chico Buarque

Insignificant Lives: A Comparative Reading of Marginal Subjects in “Without Inspection”, by Edwidge Danticat, and “Construction”, by Chico Buarque

Daniela Nicoletti Fávero¹
Yngrid Vanti Oliva²

Resumo

O artigo propõe uma análise comparativa entre o conto *Without Inspection* (2018), da escritora haitiana Edwidge Danticat, e a canção *Construção* (1971), de Chico Buarque, investigando como ambas as obras representam sujeitos marginalizados e a noção de “vidas insignificantes” em contextos sociais excludentes. Tanto Arnold, imigrante haitiano que trabalha na construção civil em Miami, quanto o operário anônimo de Chico Buarque figuram como personagens invisibilizados pelo sistema que os explora e descarta, tendo suas mortes reduzidas a acidentes banais, meros contratemplos para a lógica capitalista. A análise, desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativo-interpretativa e fundamentada em procedimentos de leitura comparativa, evidencia como a literatura e a música iluminam esses sujeitos invisíveis, ao mesmo tempo em que denunciam sua precarização e desumanização. No entanto, também ressaltam momentos de resistência e humanidade, seja no amor e na memória que persistem após a morte de Arnold, seja nos gestos afetivos do operário antes de sua queda. A partir de aportes teóricos de Hall (2014) e Woodward (2014), o estudo argumenta que essas narrativas artísticas operam como formas de reconhecimento e legitimação das identidades marginalizadas, questionando a naturalização do esquecimento e da descartabilidade de vidas que, embora silenciadas na sociedade, encontram na arte um espaço de resistência e ressignificação.

Palavras-chave: Identidades marginalizadas. Edwidge Danticat. Chico Buarque.

Abstract

This article presents a comparative analysis between Edwidge Danticat's short story *Without Inspection* (2018) and Chico Buarque's song *Construção* (1971), examining how both works represent marginalized subjects and the notion of “insignificant lives” within exclusionary social contexts. Both Arnold, a Haitian immigrant working in construction in Miami, and Buarque's anonymous construction worker appear as invisible characters within a system that exploits and discards them, their deaths reduced to trivial accidents and mere setbacks to capitalist logic. The analysis, developed through a qualitative-interpretative approach and based on comparative reading procedures, highlights how literature and music shed light on these invisible subjects while denouncing their precarization and dehumanization. At the same time, it underscores moments of resistance and humanity, whether in the love and memory that persist after Arnold's death or in the worker's affectionate gestures before his fall. Drawing on the theoretical contributions of Hall (2014) and Woodward (2014), the study argues that these artistic narratives function as forms of recognition and legitimation of marginalized identities, challenging the normalization of forgetfulness and disposability of lives that, although silenced in society, find in art a space of resistance and resignification.

Keywords: Marginalized identities. Edwidge Danticat. Chico Buarque.

¹ Doutora em Letras - Teoria da Literatura. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Restinga, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6696-0926> E-mail: daniela.favero@restinga.ifrs.edu.br.

² Licencianda em Letras: português e espanhol. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Restinga, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: 10150241@aluno.restinga.ifrs.edu.br.

Ecossistemas invisíveis: entre margens e cidades

A sociedade, desde os tempos mais remotos até a contemporaneidade, esforça-se para definir padrões de identidade ideais, padrões estes que determinam quem ocupa espaços de privilégio e poder no mundo. Essa premissa, por sua vez, implica obrigatoriamente a existência de um contingente de indivíduos que são relegados à margem, insignificantes o suficiente do ponto de vista do *status quo* para serem considerados irrelevantes, dispensáveis e substituíveis. Ora, se a vida imita a arte, é natural que essa divisão arbitrária de sujeitos ganhe vida na literatura e na música. Neste artigo, apresentamos uma análise comparativa oriunda da leitura do conto “Without Inspection” (2018), da escritora haitiana Edwidge Dandicat, e da música “Construção” (1971), do compositor e intérprete brasileiro Chico Buarque. A partir dessas duas expressões artísticas, buscaremos apresentar como a sociedade naturaliza a existência daquilo que chamamos de “vidas insignificantes”, e como existir configura-se como um ato de resistência para pessoas em condições marginais.

Concreto e Carne: O Peso da Invisibilidade

O conto *Without Inspection* e a música *Construção* trazem à tona personagens que representam um perfil específico na sociedade, pertencendo à classe que vive do trabalho e, apesar de erguerem o mundo ao seu redor, permanecem invisíveis dentro do sistema que os explora. No texto de Dandicat, publicado pela revista *The New Yorker* em 2018, acompanhamos a trajetória de Arnold, protagonista do conto, um imigrante haitiano que acaba trabalhando na construção civil em Miami. Na canção de Chico Buarque, por sua vez, nos deparamos com um operário anônimo de *Construção*, também um trabalhador braçal. Tanto a letra da música quanto o texto literário nos contrapõe com trabalhadores essenciais no cotidiano das cidades, responsáveis por erguer as estruturas que representam o progresso urbano, rompendo os horizontes e impondo sua presença predominantemente cinza e descomunal em forma de arranha-céus e pontes.

Contudo, os sujeitos que fazem parte da gênese dessa produção, contraditoriamente, permanecem invisíveis dentro de sistema que os explora e descarta. A correlação de forças entre o produto que resulta da ação destes trabalhadores e a condição desses, por sua vez, é categoricamente desproporcional, pois enquanto o fruto de seu trabalho, ou seja, os prédios e construções, é feito a partir de concreto e ferro, ou seja, implica a perspectiva da durabilidade, seus corpos e existências são

frágeis e efêmeros, além de substituíveis. Igualmente discrepante são o tamanho e o capital simbólico de criador e criação, uma vez que a classe trabalhadora que produz os arranha-céus que dominam a paisagem das cidades, impondo sua presença megalomaniaca e, muitas vezes, opulenta, em nada reflete a ideia de grandeza e poder. Nesse sentido, a arte lança luz a uma importante parcela propositalmente apagada da sociedade, parcela esta que deve ser compreendida a partir dos lugares e contextos históricos e institucionais nas quais é criada, como aponta Stuart Hall: “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.” (2014, p. 109).

A vida de Arnold, por exemplo, é marcada pela precariedade, pelo apagamento, pela clandestinidade e pela incerteza. Ao fugir do Haiti e ingressar ilegalmente nos Estados Unidos, ele até encontra refúgio temporário no amor e na promessa de uma nova vida, mas sua realidade como trabalhador imigrante logo o confronta com a brutalidade de seu destino.

A morte, inevitável para ambos os personagens, escancara o descaso do sistema, que os vê como meros instrumentos descartáveis do progresso. Em *Without Inspection*, Arnold cai de um andaime e, em seus últimos seis segundos e meio de vida, reflete sobre sua trajetória, sua companheira e seu enteado. Seu destino, então, é selado pela dureza do concreto que engole seu corpo:

His free fall ended as his body slammed into the drum of the cement mixer. He was being tossed inside a dark blender full of grout. Every few seconds, his face would emerge from under the wet, pounded sand and pebbles, and he would keep his mouth closed, trying to force air out through his nose and push away the grainy mix that his body was trying to inhale. (Dandicat, 2018)³

De maneira semelhante, o destino do operário de *Construção* também é a morte em decorrência de um acidente de trabalho, contudo, essa é reduzida a apenas um transtorno na rotina da cidade, eternizada no verso de Buarque “Morreu na contramão atrapalhando o tráfego” (1971). A indiferença da sociedade é evidenciada na forma como sua vida se torna um mero contratempo, um evento passageiro que não provoca mudanças. A queda, em ambas as obras, não é apenas física, mas simbólica: reflete o esquecimento, a falta de reconhecimento e a desumanização dos trabalhadores. Ademais, esse desprezo pela vida alheia efetiva-se também na percepção de que o

³ Sua queda livre foi concluída assim que seu bateu no tambor da betoneira. Ele estava sendo jogado dentro de um liquidificador escuro cheio de argamassa. A cada poucos segundos, seu rosto emergia debaixo da mistura de areia e de cascalhos molhados e batidos, e ele mantinha a boca fechada, tentando forçar o ar a sair pelo nariz e afastar a mistura granulada que seu corpo estava tentando inalar. (Dandicat, 2018, tradução das autoras).

indivíduo marginalizado é tão valorizado quanto a sua serventia em um panorama específico. Na música de Chico Buarque, podemos inferir essa reflexão a partir dos versos que reproduzem uma espécie de transformação do ser humano em objeto, uma outra ferramenta a serviço da construção:

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego (1971)

Buarque constrói uma imagem poderosa de um corpo que, de repente, é solidificado e embotado pelos materiais usados na obra e pelos eventos que o cercam. Cabe destacar, em ambas as produções, a presença do elemento cimento como algo que, de uma maneira ou outra, acaba consumindo as personagens e tornando-as parte da sua estrutura. Em *Without Inspection*, o corpo de Arnold fatalmente se mistura com o concreto na betoneira, fazendo com que o sangue do homem passe a compor, junto com areia e cascalho, o que se tornará estrutura rígida em breve. Além disso, é essa mesma massa de cimento que impede o imigrante ilegal de respirar, pois fazê-lo seria literalmente engolir concreto. Na canção de Buarque, por sua vez, há uma menção parecida a essa tomada hostil do corpo do operário por parte do cimento, que já se percebe nos olhos embotados por esse elemento.

No caso do conto de Dandicat, quando a tragédia chama alguma atenção, essa não resulta de um sentimento de empatia legítimo, porém, mais de uma tendência à espetacularização da morte e à busca de qualquer possibilidade de fama, sem reais repercussões que garantam a segurança e a dignidade dos mais vulneráveis:

The site was closed down and many of the men he worked with were milling around, leaning over the tape to better see the photographers who were taking pictures of the cement mixer. News trucks with extended antennas were lined up across the street and reporters were interviewing both his co-workers and a few passersby, some of whom claimed that they had seen him fall. His body had flailed wildly at first, they said, then plunged directly into the cement chute.

The construction company and the developer had already issued a statement, which was read by many of the reporters for their midday broadcasts: "We are deeply saddened by the tragic death of Ernesto Fernandez. We offer our condolences to his family, his friends, and his co-workers. We are working with state and federal investigators to find out how this unfortunate accident took place and to prevent further incidents of this nature in the future." (Dandicat, 2018)⁴

⁴ "O local foi fechado e muitos dos homens com quem ele trabalhou estavam se movimentando, inclinando-se sobre a fita para ver melhor os fotógrafos que estavam tirando fotos da betoneira. Caminhões de notícias com antenas estendidas estavam enfileirados do outro lado da rua e repórteres entrevistavam seus colegas de trabalho e alguns transeuntes, alguns dos quais alegaram que o tinham visto cair. Seu corpo balançara descontroladamente no início, disseram eles, depois mergulhara diretamente na calha de cimento.

A construtora e o desenvolvedor do empreendimento já haviam emitido um comunicado, que foi lido por muitos dos repórteres para suas transmissões do meio-dia: "Estamos profundamente tristes com a trágica morte de Ernesto Fernandez. Oferecemos nossas condolências à sua família, seus amigos e seus colegas de trabalho. Estamos trabalhando com

É fato que a sociedade capitalista frequentemente transforma indivíduos em engrenagens descartáveis de um sistema produtivo, em consonância com o que Mark Fisher (2020) denomina “realismo capitalista” — uma condição em que a precarização da vida e a naturalização da exclusão se tornam experiências cotidianas, reforçando a ideia de que não há alternativas viáveis fora da lógica do capital. Arnold, em seu trabalho, é apenas mais um operário invisível, explorado e sem garantias, cuja verdadeira identidade sequer importa. Isso fica evidenciado, por exemplo, pelo fato de que seus empregadores o identificam como Ernesto Fernandez, nome este que Arnold assume, quase que imediatamente na entrada irregular nos Estados Unidos, ao usar documentos de um imigrante cubano para conseguir trabalho. Essa condição precária, por sua vez, se evidencia desde sua chegada aos Estados Unidos, quando descobre que, por não ter passado por um processo formal de imigração, sua existência no país sequer era reconhecida: *“The same lawyer told Arnold that he had entered the country ‘without inspection.’ That is, he had not gone before any immigration official the day he arrived in the United States, which meant that, technically, he wasn’t even here.”* (Dandicat, 2018)⁵. Esse status, por sua vez, o condena à clandestinidade, forçando-o a aceitar trabalhos exaustivos e perigosos sem qualquer proteção ou direito.

Na música Construção, por sua vez, o recurso de repetição dos versos e a mudança das últimas palavras desses contribuem para criar um efeito de desumanização progressiva do operário. No início, ele trabalha e ama com intensidade, mas, à medida que a canção avança, sua individualidade se dissolve na mecânica do trabalho. O operário passa de um indivíduo para um corpo sem identidade, reduzido a uma engrenagem do sistema, fadada a perecer e desaparecer: “E flutuou no ar como se fosse sábado / E se acabou no chão feito um pacote tímido” (Buarque, 1971).

Como observa Paiva da Silva (2025), a rigidez métrica da canção e a alteração sistemática apenas dos complementos finais dos versos instauram “um ambiente de repetição automática que intensifica a natureza robotizada da vida do trabalhador”, revelando a condição de um sujeito cuja existência se reduz à repetição mecânica e impessoal do trabalho. A autora ressalta ainda que o formalismo estrutural reforça a percepção do operário como máquina, desprovida de singularidade e afetividade, de modo que sua morte é tratada não como uma tragédia humana, mas como um mero

investigadores estaduais e federais para descobrir como esse infeliz acidente ocorreu e para evitar mais incidentes dessa natureza no futuro.” (Dandicat, 2018, tradução das autoras).

⁵ “O mesmo advogado disse a Arnold que ele havia ingressado no país ‘sem inspeção.’ Ou seja, que ele não havia se apresentado formalmente perante a nenhum oficial de imigração no dia da sua chegada aos Estados Unidos, o que significava que, tecnicamente, ele realmente não estava lá.” (Dandicat, 2018, tradução das autoras)

contratempo no funcionamento do sistema produtivo — evidenciando, assim, o processo de desumanização que atravessa toda a narrativa poética da canção.

Assim como Arnold, que precisa aceitar qualquer trabalho para sobreviver devido à sua condição de imigrante sem documentação, o operário de *Construção* representa o trabalhador precarizado, sem direitos e facilmente substituível. A diferença fundamental entre ambos está na legitimidade de pertencimento: o segundo é reconhecido como cidadão do espaço que ocupa, enquanto muitos outros são relegados à condição de estrangeiros em sua própria terra. Essa assimetria torna ainda mais evidente a violência simbólica sofrida por aqueles oriundos das camadas mais baixas, violência que os versos traduzem ao revelar o esforço incessante de quem precisa afirmar, a cada dia, o seu “direito de existir”:

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair
Deus lhe pague (1971)

Apesar da forte tendência a evidenciar a desumanização, ambas as obras oferecem lampejos de resistência, o que, em parte, serve também para acentuar o tom trágico e desolador de seus enredos. Arnold, mesmo diante da morte, pensa em sua família, no amor que sentia por sua companheira e pelo filho desta, o qual Arnold assume como seu, pessoas essas que o protagonista inevitavelmente deixará para trás. Sua memória, ainda que ignorada pela sociedade, persistirá naqueles que o amam, revelando a resiliência de indivíduos que devem recorrer à esperança e à luta para existir dentro de um sistema opressor:

There are loves that outlive lovers. Some version of these words had been his prayer as he fell. Darline would now have two of those. He would also have two: Darline and Paris. He would keep trying to look for them. He would continue to hum along with Darline's song, and keep whispering in Paris's ear. He would also try to guide Darline back to the beach, to look for others like him. (Dandicat, 2018)⁶

⁶ “Existem amores que sobrevivem a pessoa amada. Alguma versão dessas palavras compunham suas orações enquanto ele caía. Darline agora teria dois destes casos, Ele também teria dois: Darline e Paris. Ele tentaria continuar cuidando deles. Ele continuaria cantarolando a canção de Darline e continuaria sussurrando no ouvido de Paris. Ele também tentaria guiar Darline devolta à praia, em busca de outros como ele.” (Dandicat, 2018, tradução das autoras).

Além da comovente postura de Arnold em seus momentos finais, o trecho evidencia a convivência constante com a perda que marca a experiência de tantos imigrantes ilegais. A menção a que Darline teria “dois amores perdidos” remete à morte de seu primeiro marido, vítima de um naufrágio durante a travessia para os Estados Unidos, quando ela, ele e o filho Paris tentavam imigrar. A necessidade de continuar acreditando no amor, por sua vez, destaca-se no desejo final de Arnold de guiá-la até a praia onde ela o resgatou, em busca de um novo recomeço.

Da mesma forma, em *Construção*, o operário, antes de cair, tem momentos de afeto que contrastam com sua realidade. O beijo na esposa e nos filhos representa um contraponto, uma manifestação da humanidade que, em tantos aspectos, lhe é negada em um mundo que o trata como peça substituível: “*Amou daquela vez como se fosse a última / Beijou sua mulher como se fosse a última / E cada filho seu como se fosse o único.*” (Buarque, 1971). Essa resistência se manifesta na literatura e na música como formas de dar voz aos invisíveis.

Edwidge Danticat e Chico Buarque criam narrativas que desafiam a normalização da morte desses trabalhadores, resgatando-os da condição de meros números para retratá-los como seres humanos complexos, com histórias, sonhos e amores. Nesse sentido, tanto a literatura quanto a música exercem um papel crucial de reconhecimento e humanização, tornando visível o invisível. No âmbito literário, como observa Antonio Candido (1995), a literatura permite captar a vida social em sua densidade e pluralidade, possibilitando que indivíduos marginalizados sejam compreendidos em sua totalidade. Na esfera musical, de acordo com Murray Schafer (1991) em *O Ouvido Pensante* e Carlos Renno (2006) em *Literatura e Música*, a música cria experiências afetivas e imaginativas que intensificam a empatia do ouvinte, oferecendo uma forma sensível de reconhecimento desses sujeitos. Assim, tanto *Without Inspection* quanto *Construção* não apenas denunciam a precarização e desumanização impostas pelo capitalismo, mas também produzem espaços de resistência simbólica, em que vidas historicamente marginalizadas encontram visibilidade, humanidade e ressignificação.

Vozes que Se Erguem: Identidade e Visibilidade

Tanto *Without Inspection* quanto *Construção* denunciam a forma como a sociedade banaliza determinadas identidades. O imigrante haitiano e o operário brasileiro são representações das massas trabalhadoras que constroem as cidades, mas permanecem à margem da história oficial. Como reflete Kathryn Woodward, em relação às identidades, “É por meio dos significados produzidos pelas

representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.” (2014, p. 18). Nesse sentido, importa pensar a representação das experiências múltiplas de vida na esfera artística, como a música e a literatura, que atuam como espaços de reconhecimento e legitimação, oferecendo uma alternativa à história contada de apenas um ponto de vista.

As mortes de Arnold e do operário, embora trágicas, são vistas como inevitáveis e sem consequências para o mundo que ajudaram a erguer, o que talvez seja a faceta mais cruel de toda essa exposição. No entanto, ao transformar essas vidas em narrativas, Dandicat e Buarque subvertem essa lógica de esquecimento e descartabilidade. Eles mostram que, por trás dos números e estatísticas, há indivíduos com sentimentos, relações e existências que merecem ser lembradas. Dessa forma, a arte se torna um meio de resistência, dando voz àqueles que, na realidade, são silenciados e invisibilizados. Ao trazer essas histórias à tona, finalmente, podemos questionar: quantas vidas continuam a ser perdidas na construção de um mundo que nunca as reconhecerá? E quantas dessas histórias ainda precisam ser contadas para que o sistema, enfim, as enxergue?

Representações como estas, por sua vez, cooperam para aquilo que sugere Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, obra no qual aborda a faceta alterável da identidade dos sujeitos:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de um política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*.” (2015, p. 16)

Ainda que a música e a literatura reafirmem o triste trágico de existências como a de Arnold e do operário, elas não deixam de operar no sentido de atribuir outras perspectivas a respeito dessas identidades, que não se configuram pela unidade, humanizando sujeitos que, assim como tantos outros em nossos cotidianos, são mais do que parte da paisagem de nossas cidades.

Referências:

BUARQUE, Chico. *Construção*. [Rio de Janeiro]: Phonogram/Philips, [1971]. 1 LP, faixa 4. Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/construcao>. Acesso em: 18 set. 2025.

DANDICAT, Edwidge. Without Inspection. *The New Yorker*, Nova Iorque, 14 maio 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2018/05/14/without-inspection>. Acesso em: 18 set. 2025.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Tradução de Renato Aguiar. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAIVA DA SILVA, Vitória. *Pensamento Social e Poético em “Construção” e “Cotidiano”*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/26743/1/VPSilva.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

RENNO, Carlos (org.). *Literatura e Música*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada *et al.* São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Data de submissão: 18/09/2025. Data de aprovação: 19/09/2025.